

## Negros querem na TV Globo luta contra o racismo

■ Ator de "Pátria Minha" faz críticas

RIO — O Instituto de Pesquisa das Culturas Negras (IPCN) está estudando a possibilidade de entrar com ação na Justiça para exigir que os autores da novela "Pátria Minha", exibida pela TV Globo, incluam na história cenas que mostrem medidas de luta contra o racismo. O presidente do IPCN, Amauri Mendes Pereira, disse ontem que os autores deram um passo à frente ao discutir o assunto, mas argumentou que é preciso informar aos telespecta-

dores o outro lado da questão. "Não basta mostrar uma situação de racismo com um negro de cabeça baixa", disse. E observou: "É fundamental salientar que hoje os negros não estão mais passivos diante do racismo".

A cena que provocou discussão na comunidade negra foi exibida quarta-feira passada. O empresário Raul Pellegrini (Tarcísio Meira) humilhou o jardineiro Kennedy (Alexandre Moreno) ao perceber que o cofre de seu quarto havia sido arrombado e que as jóias de Lídia (Vera Fischer) haviam desaparecido. Em tom áspero e prepotente,

Pellegrini chamou Kennedy de ladrão, crioulo e negro safado. O rapaz não conseguiu reagir à altura e fugiu da casa dos Pellegrini para se livrar de um flagrante de crime que não cometeu.

O autor Gilberto Braga disse que os movimentos negros não podem tecer críticas às cenas de racismo exibidas semana passada na novela "Pátria Minha" antes de saber os desdobramentos da história. "Acho o cúmulo criticar sem saber o que acontecerá adiante", reclamou. Braga se disse "pasmado" diante da reação das instituições que defendem a causa negra.

## Negros vivem em quilombo no Interior

Um grupo de aproximadamente cem negro vive em São Bento do Una praticamente isolado da civilização. Na comunidade do sopé da Serra do Gado Brabo são mantidos hábitos e tradições típicos dos escravos foragidos que povoaram os quilombos do Brasil-Império. **Página B-4**

## CULTOS AFRO-BRASILEIROS

**N**o Palácio de Iemanjá, em Olinda, há toques sem compromissos para os Orixás, todas as sextas-feiras de novembro, às 20 horas.

Hoje, a homenageada é Nanã Borokô, Senhora das Águas Pantanosas, considerada a avó dos Orixás e Dona da Sabedoria, Nanã dança com uma vassoura de palha-da-Costa ornada com fitas roxas, varrendo os atralhos do dia-a-dia.

**S**egunda-feira é um dia nefasto? Para a maioria das pessoas, as segundas são dias amargos. O babalorixá Pai Edu dá uma receita: ir à praia, às 18 horas, sozinho, levando consigo um cravo branco.

A beira-mar, ao quebrar da primeira onda, oferecer o cravo a Iemanjá, em profunda contemplação, fazendo seus pedidos, com uma saudação à divindade.

**Q**uais as frutas preferidas dos Orixás?

A revista "Fundamentos Místicos" responde: Exu — cana, limão, lima doce; Iansã — manga-rosa; Oxum — banana e mamão; Iemanjá — mamão; Nanã — melão roxo; Omulu — laranja lima; Obaluaê — abacaxi e laranja; Ibeji — maçã, pera e uva; Ogum — manga-espada; Xangô e Oxoss! — frutas diversas.

Já está mais que provado a força do maracatu, a beleza do gestual de sua corte, a contagiante batida. Quem acompanha seu desfile, como aconteceu recentemente no Recife, fica reenergizado, de alma lavada. O Maracatu Nação Pernambuco, um grupo da dança, canto e batucada — que vem resgatando o ritmo secular e atualizado uma performance a esses tempos pós-tudo — promove neste domingo, a partir das 18h, no Mercado do Varadouro, em Olinda, mais um encontro do Folia Real, realizado pelo conjunto no segundo domingo de cada mês. E o Nação Pernambuco já pensa em levar seus encontros para a rua, democratizando ainda mais a sua proposta de participação do público. A idéia é tirar o Folia Real de dentro do Mercado e fazer ecoar seu batuque em frente ao mercado de Olinda.

A participação do Nação Pernambuco no Recife provou que o programa tem condições de assumir um perfil genuinamente pernambucano. “Consideramos que o nosso objetivo, quanto a este ponto, foi plenamente atingido”, considera o produtor Felipe Santiago. “Mas não é isso. Para que Recife e outros eventos deste gênero tenham uma participação maior da musicalidade de Pernambuco, precisamos fortalecer nossa música, fazer com que o pernambucano cante as músicas dos grupos pernambucanos tanto quanto as dos baianos. E para que isto aconteça, é preciso que as rádios incluam as músicas dos grupos pernambucanos na sua programação”, entende Felipe.

“Antes as rádios diziam que não tocavam as músicas pernambucanas por falta de matéria-prima, mas hoje o panorama é outro. Há vários gru-

# A folia do Maracatu



O batuque do Nação Pernambuco vai contagiar Olinda novamente neste domingo

pos fazendo sucesso com ritmos daqui. Dá até para escolher”, ressalta o produtor. O Nação Pernambuco aposta e investe na riqueza cultural do Estado. “Pernambuco é berço da cultura nacional”, exalta a produtora Paula Maravalho. “Somos um celeiro de ritmos inigualável. Então, o que é que justifica o fato de estarmos na posição de colônia cultural?” questiona. Para reverter esse quadro, Maravalho acredita que são necessárias ações concretas de apoio e incentivo à cultura local.

A sua parte, o Maracatu Nação Pernambuco vem fazendo, com projetos com o Maracatu, no Mercado da Ribeira, e o atual Folia Real. “Procuramos abrir um espaço para a divulgação de nossa música. Se não criássemos um evento para tocar maracatu, até hoje o público de Pernambuco desconheceria o nosso trabalho. Graças a este público, o projeto Maracatu pôde se ampliar e hoje, com o projeto Folia Real podemos mostrar o trabalho de outras bandas que tocam ritmos pernambucanos. A participação cada vez maior do público prova que esta terra é do maracatu, também”, observa Felipe Santiago.

Na apresentação deste domingo, o Nação Pernambuco toca, entre tantas músicas o Passo da Ema, lançado no Recife e que tem tudo para se tornar um sucesso no Carnaval. *Passo da Ema* é uma toada do bumba-meu-boi de Pernambuco, resgatada pelo multi-instrumentista Antúlio Madureira. O encontro está marcado para domingo.

**SERVIÇO** — Folia Real, com o Maracatu Nação Pernambuco. Neste domingo, a partir das 18h, no Mercado do Varadouro, em Olinda. Ingressos R\$ 4,00, inteira e R\$ 2,00 (estudante e promocional).

Recife, domingo, 13 de novembro de 1994 • B 1

# Movimento Negro quer monumento para Zumbi

■ Entidade defende construção de memorial

Catarina Lucrécia

A pouco mais de um ano do tricentenário da morte de Zumbi, tido como um dos maiores líderes do Quilombo dos Palmares — já começaram, em Pernambuco, as articulações para a retomada do projeto Memorial Zumbi. Idealizado em 1987 pelo historiador e arqueólogo Plínio Victor Araújo, ele prevê a construção de um monumento no Largo do Carmo, no Recife, lugar para onde a cabeça do líder negro foi levada e espetada no alto de um poste para servir de

exemplo a quem estivesse disposto a desafiar o regime escravocrata.

O projeto Memorial Zumbi não se limita, entretanto, à construção do monumento. Ele sugere, ainda, a criação de um espaço para cerimônias e atos ligados à tradição e cultura afro-brasileira, numa construção semi-subterrânea para dar a idéia de que o que foi feito contra Zumbi fincou raízes e brotou. Também está prevista a criação de um centro de documentação, além de uma biblioteca específica sobre a cultura e assuntos afro-brasileiros.

Plínio Araújo diz que o Memorial Zumbi pode se transformar no marco central do tricentenário da execução de Zumbi, a ser lembrado, nacionalmente,

no dia 20 de novembro de 1995. "A oportunidade é imperdível para viabilizar o projeto", diz ele.

E para evitar que o tricentenário da morte de Zumbi passe e o projeto seja engavetado, está sendo lançada uma campanha para garantir a criação do memorial. Segundo Plínio, a campanha já ganhou uma comissão, a Memorial Zumbi, que está sob sua coordenação, ela será fundamentada em cima da Lei Estadual de Incentivo à cultura.

Projeto Memorial Zumbi já foi apresentado à Prefeitura do Recife, na gestão anterior de Jarbas Vasconcelos. Teve apoio assegurado, mas esbarrou na falta de verbas. Dessa vez, a expectativa é a de que o dinheiro apareça e tire, definitivamente, a idéia do papel.

## DIÁRIO DE PERNAMBUCO

# Memorial Zumbi

As entidades negras já se movimentam para ressuscitar o projeto **Memorial Zumbi**. Vamos celebrar agora o 299º aniversário do seu sacrifício e logo, para o ano, os três séculos de sua gesta.

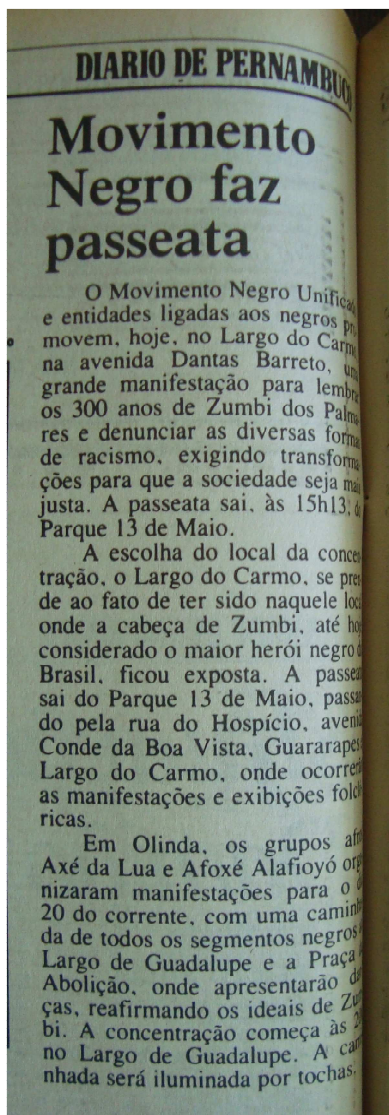
Ainda, é difícil separar o lendário e o histórico em Zumbi. Mas, o pouco que se sabe dele, fazem-no vitoriosamente a figura mais credenciada a simbolizar os sofrimentos, lutas e grandeza de sua raça, entre nós.

Sabemos que os vencidos não possuem história; os colonizados, perderam a memória. Os triunfadores é que escrevem suas crônicas “*adusum delphini*”. Resgatar a verdade da resistência dos pequenos e humildes é um trabalho secular de abnegação, independência crítica, coragem moral. Porque os vitoriosos de ontem se continuam nos privilegiados de hoje e jamais se conformam com a História que Cícero chamou “*lux veritatis*”; ela lhes destruiria a pequena glória feita com a exploração dos fracos e o sangue dos esmagados.

Esperemos que as entidades negras tenham o apoio das autoridades no seu objetivo tão justo. Como esperamos, também, que não se transviem pelos duvidosos caminhos de uma “negritude” importada, em que se espera trazer para a nossa História sentimentos que lhe são estranhos e ódios que nunca cultivou.

Zumbi não é propriedade de nenhuma etnia. Como Henrique Dias, Camarão, Vidal de Negreiros, Frei Caneca ou Tiradentes, pertence ao povo brasileiro. Sua luta e morte foram por um direito fundamental do Homem, a liberdade, aquele que, segundo um mestre, foi dado pelo próprio Deus e nem Ele tem poder de tirar, porque negaria, assim, a sua essencial perfeição.

O sangue derramado de Zumbi colore as bandeiras do povo e não reivindicações menores de grupos encasulados. Bandeiras da Liberdade e da Justiça, sem as quais a vida perde a dignidade de ser vivida.



Desde terça-feira, o Grupo de Teatro Atual (grupo popular do Alto da Bondade, em Olinda) faz uma série de apresentações nas escolas municipais de Maceió. Com o espetáculo **Das Senzalas às Favelas** o GTA participa da Semana da Consciência Negra, programação de lançamento da Campanha dos 300 anos da morte de Zumbi. A peça, montada em 1988 — no centenário da abolição — faz uma crítica ao processo colonialista e ao preconceito. O grupo desenvolve temáticas populares com especial atenção para as questões do povo negro. “O GTA trabalha na formação de atores, educadores, militantes e equipes no sentido de capacitá-los para a utilização do teatro como linguagem de repasse do saber, seja através de representações de temas de conscientizadores ou na utilização da prática

## Grupo Atual focaliza o negro em espetáculo

Foto Edvaldo Rodrigues



O grupo segue para uma série de apresentações em Maceió

aplicado no ensino e aprendiza-



## Meia-noite e as lições para crianças carentes

Foto: Heitor Cunha

Menino de rua fugido da antiga Februm, Gilson José de Santana, o Meia-Noite, é hoje mestre de capoeira e dançarino. A paixão pela



cultura popular foi obstáculo na convivência pacífica com o pai, durante a adolescência. Saiu de casa. Voltou, depois de enfrentar noites de frio nos bancos das praças e agitação do dia-a-dia nas feiras livres. Essas lições de vida hoje ele tenta transmitir a mais de oitenta crianças carentes, na comunidade de Chão de Estrelas. A história desse personagem, você vai conhecer com detalhes amanhã, no Caderno de Reportagens.

## Movimento Negro faz homenagem

O Movimento Negro no Recife teve, ontem, seu dia de festa. No Morro da Conceição, a data foi dedicada à música, canto, danças e poesia visando unificar cada vez mais os que participam do movimento e, também, para reverenciar a memória de Zumbi, líder morto no Quilombo dos Palmares há 300 anos. Como parte culminante da programação, os negros saíram em passeata e percorreram, no final da tarde, as ruas centrais do Recife. Logo cedo, a concentração desceu o Morro e tomou parte do Parque 13 de Maio. Após as 17h a passeata se deslocou em direção ao Largo do Carmo, onde uma figura simbolizando a cabeça de Zumbi foi exposta ao público.

Sempre entoando cânticos e danças, os que participaram do evento destacaram a importância do dia dedicado à Consciência Negra em todo o País. Em Olinda, a data não passou despercebida. Lembrando o rei Zumbi os grupos afros realizaram encontros e promoveram manifestações, ao som de atabaques e música afro. No final da tarde, os negros se unificaram e a passeata pelo Centro do Recife comprovou a preocupação dos integrantes do movimento com o trabalho que cada um executa e da forma como participam, hoje, da sociedade brasileira.



### Meia-noite faz da arte seu principal instrumento

Rodrigo Carrero



Durante a década de 80, ele tornou-se um ídolo para a garotada dos bairros pobres do Recife e Olinda. Gilson José de Santana, 39 anos, percorria as comunidades da periferia, juntando grupos de crianças para ensinar capoeira e dança. Ao mesmo tempo, ele aproveitava para dar lições de Português e estimular a leitura dos garotos. Desse trabalho pioneiro, surgiu o grupo Daruê Malungo, na comunidade de Chão de Estrelas. O grupo mantém oficinas de dança, música, desenho e leitura para crianças e adolescentes das comunidades da periferia. Nessa entrevista, Gilson — mais conhecido pelo apelido de “Meia-Noite”, que o acompanha desde 1976 — fala sobre o trabalho que desenvolve e denuncia: “Nossas crianças estão abandonadas”.

**DIÁRIO DE PERNAMBUCO — Como você começou a trabalhar com crianças?**

“Meia-Noite” — Eu sai de casa muito cedo, com 12 anos de idade. Na época, estava começando a tomar contato com a cultura popular e fiquei fascinado. Passei a morar com meus avós porque queria estudar, e meu pai desejava que eu trabalhasse na criação de gado da família. Meu pai parou de falar comigo, tentou inclusive me internar na Febem, mas eu fugi depois de três meses. Eu senti necessidade de dar o apoio que nunca recebi as crianças pobres do Recife.

**DP — Quando a atividade com os menores se tornou mais frequente?**

M — Em 1983. Minha idéia era passar de quinze dias a um mês em cada comunidade, juntando os meninos e ensinando capoeira e frevo. Desde 1979 eu danço no Balé Popular do Recife, e queria passar um pouco do meu conhecimento para as crianças. Ao mesmo tempo, aproveitava para estimular o interesse delas pela leitura. Muitas vezes, eu levava livros e cadernos e ensinava os menores a ler e a escrever. Visitei muitas comunidades, como o Povo da Panela, Campina do Barreto, Peixinhos e Man-

gabeira.

**DP — Como surgiu o Daruê Malungo?**

M — Surgiu da necessidade de centralizar esse trabalho com as crianças. Ficou muito cansativo mudar de comunidade todo mês. Em 1988, comecei a construir a sede do movimento, em Chão de Estrelas, depois de juntar dinheiro por dois anos. Montamos oficinas de leitura, desenho, capoeira, dança popular e percussão, com educadores voluntários que ensinam sem receber um tostão. Atualmente, o Daruê Malungo atende a 88 crianças, mas já chegamos a trabalhar com mais de 150. Depende da época.

**DP — A sociedade vê com bons olhos o trabalho desenvolvido pelo grupo?**

M — A gente não recebe a atenção que merece. Todos elogiam o desenvolvimento da cultura popular, mas veem isso como uma festa, não como uma expressão da cidadania, um trabalho educativo. Ainda existe o preconceito de que os dançarinos são malandros, homossexuais, e isso não existe. Nossa luta é para educar as crianças pobres e ajudá-las a viver mais felizes.

**DP — A violência contra os menores está aumentando ou diminuindo?**

M — Está diminuindo, pelo menos a violência física, os espancamentos e os assassinatos. Por outro lado, as crianças estão cada vez mais abandonadas. Elas não são ouvidas pelos pais. Nas comunidades pobres, não existe diálogo entre pais e filhos. Os próprios pais vêem os filhos como trombadinhas, marginais irrecuperáveis. Eles assimilaram a maneira da classe média olhar para os meninos de rua. O nosso grupo tenta resgatar esse diálogo entre pais e filhos. A gente estimula o menino a falar, ouve o que ele tem a dizer, chama os pais e conversa. Muitas vezes dá resultado.

**DP — O Daruê Malungo recebe apoio dos órgãos do Governo?**

M — Nós não recebemos dinheiro de ninguém. Temos apoio de algumas organizações não-governamentais, como o Centro Luiz Freire e a CBIA, e até mesmo do Unicef. O apoio do Governo do Estado é muito aparente. Já vi experiências em que o Governo apoiou e valorizou as formas populares de cultura, até mesmo como uma maneira de explorar o turismo. Em Pernambuco, os investimentos em turismo não procuram preservar a cultura popular. Na minha visão, isso está errado.

## De Pernambuco para o mundo

**H**oje, a partir das 9h, no Teatro José Carlos Borges (Derby), estará acontecendo a segunda audição de artistas pernambucanos que participam da seleção para o **International Arts Programming** e do **Mid America Arts Alliance**. Recife foi uma das quatro capitais brasileiras — as outras são Salvador, Brasília e Rio de Janeiro — a entrar no circuito das duas entidades americanas de incentivo às artes, dispostas a promoverem uma turnê com os grupos brasileiros de música e de dança. Se apresentam hoje na seguinte ordem, Maracatu Nação Pernambuco, Tropa de Nó, Serginho de Olinda e Maracafrevo, Endança, Balé Deveras, Arte Negra, Compasso Cia. de Dança e Mandacaru. O evento é aberto ao público.



Foto Divulgação

O Maracatu Nação Pernambuco faz apresentação para entidades americanas